



# ROTA

IPAL CENTRAL  
CALVEIAS  
LISBOA

Composto e impresso na  
Gráfica Almondina — T. Novas

Director — Artindo Costa  
Del.º do Director do C. E — João Henriques

Quinzenário  
Académico do C. A. C.

## BRANLY

homem de ciência e exemplo de trabalho

**B**ranly, o físico francês a quem se deve em parte a descoberta da T. S. F., foi sem dúvida um dos maiores sábios do mundo.

Eduardo Branly natural de Amiens onde nasceu em 1844, era filho de família tão pobre que se via na necessidade de trabalhar de sol a sol para ganhar o pão de cada dia.

Estudou Branly no liceu Saint-Quentin onde obteve sempre as melhores classificações. Era ainda estudante quando o seu bom pai morreu. Este na agonia disse-lhe: — «Trabalha meu filho! Aí fica a tua mãe, que é uma santa. Vela por ti e por ela e lembra-te de mim, que tanto te quiz!

Foi esta a bela herança que Branly recebeu do moribundo pai.

Estas palavras calaram tão profundamente no seu coração, que Branly conseguiu empregar-se e assim ganhar,

embora escassamente, para o sustento de si e da sua estremosa mãe. De noite e nas horas vagas, na solidão do seu exíguo quarto, estudava com tal vontade que conseguia sempre dar boas lições.

E assim concluiu o curso liceal com alta classificação no liceu Henrique VI. Tinha 21 anos quando se matriculou na Escola Normal Superior. Apesar de nesta altura não ter grande simpatia pelas ciências, conseguiu após dois anos da sua matrícula, obter a licenciatura em matemática e em física, e tal classificação obteve, que foi convidado para agregado à Universidade. Passado pouco tempo foi nomeado professor do liceu de Bourges. Teve porém que dedicar-se a dar explicações pois o ordenado que recebia não chegava para suprir os encargos da sua pesada

vida, agravada com a doença da sua querida mãe.

Esta bondosa senhora morreu pouco depois. Branly sentiu como bom filho a morte de sua estremosa mãe e durante muito tempo ele chorou muitas lágrimas de saudade. Este homem que fora fadado pelo destino para rasgar os horizontes, e terminar com as distâncias, passa uma vida de labuta e crivada de espinhos.

As raparigas do seu tempo ao verem-no passar para o trabalho, lançavam-lhe os seus olhares de simpatia e piedade. Branly indiferente a tudo que não fosse trabalho, passava cabisbaixo, lançando-lhes apenas de vez em quando, o seu olhar triste, onde reflectia o cansaço de tantas vigílias. Teve porém alguns momentos em que a sorte lhe parecia sorrir.

Continua na 2.ª página

## TRIBUNA DE MINERVA

O cinema é uma arte que, como todas as outras, está sujeita a que a sirvam com honestidade ou que se sirvam dela com os fins mais desonestos.

Sempre que apareça alguém que pertença ao segundo grupo logo se justifica, ou pretende justificar, alegando que dependendo da indústria cinematográfica um grande número de pessoas, forçoso se torna produzir filmes de seguro êxito comercial. Ora êxito comercial têm-nos os filmes onde, quase sempre, a arte não existe, mas onde em compensação abunda a pornografia ou outras imoralidades que se torna urgente serem varridas desta como de todas as artes onde porventura se tenham entrado.

Um outro argumento que serve de defesa a certos cineastas é que sendo o cinema uma arte que necessita de muito dinheiro para se manter não pode produzir obras destinadas a uma escassa meia dúzia, a qual não é suficiente para manter a indústria.

Parece-me existir aqui um círculo vicioso porque se por um lado, é o bom cinema que



# CINEMA

P O R

Fernando  
Costa



cria no espectador o gosto pelo bom cinema, não se pode esperar que produzindo-se unicamente cinema mau esse gosto venha algum dia a aparecer. Parece-me necessário que o cinema inicie heroicamente uma ofensiva de bom gosto ainda que os primeiros resultados financeiros sejam fracos, pois que só assim se pode criar no público uma mentalidade cinematográfica, que mais tarde compensará os produtores dos sacrifícios que agora fizeram.

Por outro lado compete à crítica ser o mais honesta possível denunciando o mau quando for mau e proclamando o bom quando de facto for bom.

E aos espectadores conscientes que já vão surgindo compete ir esclarecendo os outros e exigir que se ponha termo a tanta mistificação no domínio do cinema. Fazer sentir aos senhores cineastas que o nosso pobre «estômago» se vai sentindo, cansado de tanto «gato por lebre».

E' tempo do cinema deixar de atraiçoar a nobre missão que lhe compete cumprir: a missão de educar, embora o possa fazer distraindo.

## BRANLY

Em certa altura foi convidado para adjunto do professor Desains que dirigia o laboratório de Física da Sorbonne e apesar de ter que fabricar por suas mãos os aparelhos que precisava, esta nomeação facilitou-lhe o seu doutoramento.

Pouco tempo depois o seu

grande amigo e admirador Rev.º Dr. Hulst, director do Instituto Católico, ofereceu-lhe um laboratório com preparador, créditos e um ordenado de 12.000 francos por ano. A promessa era tentadora e Branly não vacilou. Porém os seus sonhos em breve se desfizeram, porque

Hulst devido a circunstâncias estranhas à sua vontade, não conseguiu montar o laboratório. Novamente surgiram as dificuldades.

Branly que tinha então 32 anos formou-se em medicina com fim de minorar a sua situação, abrindo consultório

Continua na 7.ª página

# Glória ao desporto

DESDE que há séculos na velha e sempre jovem Grécia se realizaram os primeiros Jogos Olímpicos, ficou restabelecido, por uma daquelas leis que apesar de nunca terem sido escritas todos sabem de cor, que o Desporto exercia através dos tempos uma função preponderante na vida dos povos, não só como órgão de vitalidade, mas até (e isto não menos importante) como órgão de ligação mútua.

Não interessaria que os símbolos desse Desporto fossem jovens que, procurando o seu desenvolvimento, passassem fasquias, pontapeassem uma bola por esses campos atléticos, nadassem em piscinas ou ainda aqueles que, desfraldando velas ao vento, abalam mar fora respirando o seu ar, o ar desse mar tão amigo como inimigo. Interessaria sim que acima de tudo perdurasse um ideal, aquele ideal que forma mentes sãs em corpos sãos. E nós vimos, através dos tempos, ser tão difícil aos povos esquecerem, ainda que por pequenos períodos, a prática do Desporto que, até mesmo no meio das maiores hecatombes, por esse mundo além, vimos jovens conseguirem abstrair-se por momentos das suas privações (quantas e quantas vezes privações máximas!) para acorrerem com uma chama de ideal bem acesa a tomarem contacto com a Natureza, como que a cantarem-lhe hinos e a manifestarem-lhe quanto amam a vida.

Contudo o Desporto, e isto devido em grande parte aos seus dirigentes que esqueceram que ele é Universal, nem sempre tem seguido aquela rota que seria de desejar. Os homens, por vezes, dominados pelas suas paixões, procuram utilizá-lo com outros fins que só podem acarretar-lhe descrédito! Por outro lado os seus praticantes nem sempre entram na luta com aquele desejo que deve perdurar, desejo de que a vitória pertença ao melhor, àquele que vencer pela força e pela alma. No entanto, a força do Desporto perdurará e lá virá o dia em que Desportista será sinónimo de Idealista. Longe? Não interessa. O dia chegará, tanto mais depressa quanto nós quisermos, sem que para tal seja necessário avançar tanto como recuar.

Por isto, e porque acre-

ditamos na força moral dos povos, nós cantamos bem alto um hino de louvor ao Desporto, a esse Desporto que amamos do coração, a esse vero Desporto que acreditamos há-de triunfar e ser pelos séculos fora a principal fonte de vida e amor entre os povos.

9-12-47

ÓSCAR BENTO

## As lusitanas

Apiano Alexandrino, historiador grego, muito grave, no livro da guerra entre os romanos e os espanhois, diz que as mulheres portuguezas (lusitanas) armadas, acompanhavam a seus maridos nas guerras, e pelejavam tão animosamente e com eles morriam sem nenhum pavor nem amostra de cobardia, e com grande esforço e sem se lamentarem se deixavam degolar e que quando pelejavam nunca voltavam as costas, nem fugiam, querendo vencer ou morrer.

*O coração é em geral, a fonte das ilusões do espírito.*

Nicole

## Acerca de Calendários

Continuação da 7.ª página

7.º	„	—Nisan	30	„
8.º	„	—Uar	29	„
9.º	„	—Siban	30	„
10.º	„	—Thamuz	29	„
11.º	„	—Ab	30	„
12.º	„	—Elul	29	„

Sendo embolismico o ano, o 6.º mês ou *Adar readar* (2 vezes *Adar*) 2 de 29 dias; e entre ele e o 5.º (*Schebath*) intercala-se um de 30 dias que se chama *Adar* 1.º.

(Continua no próximo número)

## QUE CHOVA POIS...

**D**URANTE toda a noite ouvi aquela melodia tam nossa conhecida dos invernos passados, gotas de água a tamborilar nos vidros das janelas. Embora conhecida estranhei a sua

chegada, como de resto estranhámos sempre a vinda de alguém, ou coisa, que há muito não víamos.

Em vez de tempestuosa ou batida pelo vento, vindo de rajada e uivando sibi-

lante, ela chegou naturalmente, calma mas persistente, tranquila e silenciosa, para não perturbar o sono matinal dos que pelos muitos afazeres só tarde se deitam.

Logo de manhã ao sair reparei no ar lavado e gracioso que nos mostravam os passeios e as calçadas; a chuva tudo modifica dando outro aspecto às coisas que nos rodeiam. Há maior silêncio nas ruas e os peões por esse motivo parecem mais barulhentos, no andar.

Dentro de casa — o nosso Lar — tudo nos é mais íntimo e mais acolhedor; à noite a família junta-se ao redor da brazeira onde se trocam as impressões do dia que passou. Aí a temperatura é amena formando a família um elo da corrente formada pelo povo. Santas são as noites em que chove, visto ser nesse momento que realmente o Lar é um símbolo na sua natural simplicidade, para recolhimento e descanso das almas.

E' curioso observar a metamorfose que a Vida sofre ao caírem as primeiras chuvas.

Que chova pois...

Torres Novas, 6-12-47.

*António Vinhas*

## «Pôr do Sol»

### A' MINHA IRMÃ GINA

Amigo  
 Já viste  
 Algum dia  
 Um pôr do Sol  
 Nam céa que s'esbrazia?  
 Que poeta  
 Ou que pintor?  
 Dará tal poesia  
 A' beleza divinal  
 Da rubra cor?

.....

Oh, se não crês, Amigo,  
 Naquele,  
 Princípio e fim  
 De toda a Existência,  
 Anda comigo  
 Vamos...  
 Eu calado, Tu calado,  
 E sentados lado a lado  
 Numa inspiração estranha  
 Havemos de vê-Lo, um dia,  
 Nam pôr do Sol na montanha.

LISBOA, 21-10-47.

CANTO OLIVEIRA

Nunca o homem se mostra tão descontente com o seu semelhante como quando está profundamente descontente consigo.

*José Régio*

TUR A

# Quatro apontamentos

por FERNANDO COSTA

1

**SENHORES:** foi na praça pública. O homem, para ganhar a vida, fazia equilíbrios inconcebíveis, escalando uma casa alta num desafio à morte.

Em baixo, os filhos iam estendendo os bonés, recolhendo os tostões.

O homem teve uma hesitação que a morte aproveitou para sair vencedor daquele combate que há tanto tempo durava.

Já no ar, a caminho do seu fim, o homem ainda gritou, apontando os filhos:—Olhem por eles!

Da multidão que ali estava, todos os viram. Mas nenhum olhou...

2

**QUE** me perdõe quem se massar com histórias de cães.

Foi assim: Era uma criança rosada e loura que, sentada ao sol, brincava com um boneco que de tam frágil se quebrou. O pai, incompreensivo e desumano, castigou o filho, batendo-lhe.

Passou um cão e ouviu a criança chorar.

Foi junto dela, lambeu-lhe a cara e as mãos, olhou o homem e ladrou. Deitou-se aos pés da criança que ficou a brincar com aquele brinquedo vivo que a olhava enternecido até que ela se calou e sorriu.

Só então seguiu o seu caminho.

E o homem arrependido beijou o filho e nunca mais lhe bateu pelo motivo fútil de um simples brinquedo partido.

3

Começara a escrever aquele romance havia muito tempo, mas nunca passara do começo.

Sempre que se sentava à secretária para recomeçar surgia nele uma vontade enorme de logo se levantar e ir lá para fora onde havia árvores e rios, céu e terra, num convite aliciente à sua ância de viver.

Ia. E o romance ali ficava, eternamente inacabado. Mas ia vivendo a vida o melhor que podia.

Abandonou a pena. Só um dia, buscando uma satisfação mais para si do que para os outros, pois ninguém lha pedia, escreveu um poema que acabava assim:

*A vida é para se viver  
e o romance, talvez eu o não saiba  
escrever.*

4

**O** cego ia tocando o seu violino. Um sorriso doce lhe animava os lábios. Gente passa apressada, tam apressada, que não atentava nele e por isso nada lhe davam.

Mas o sorriso não o abandonou nunca nessa manhã maravilhosa. O som do violino continuava, trazendo-me aos ouvidos uma melodia suave e bela.

Ceguei-me mais ao cego para ouvir melhor. E deixei escapar este lamento:

—E ninguém lhe dá nada...

E logo ele num sorriso ainda mais radioso:

—Não preciso, hoje, das esmolas de ninguém. Basta-me a esmola maravilhosa desta inspiração que nunca senti.

---

*A lâmpada do corpo é o olhar.*

Plínio Salgado

---

## Razão do atraso deste número

Dificuldades de direcção e administração de *Rota* motivaram este atraso. Para que tal não volte a repetir-se pedimos a todos que queiram colaborar o favor de nos enviarem a sua colaboração o mais breve possível para que o próximo número possa sair a tempo e horas.

# CALENDÁRIO

## ACERCA DE

# CALENDÁRIOS

**C**alendarário pode definir-se uma relação ou lista em que se acham dispostos, por ordem, os diferentes meses, semanas e dias de cada ano.

A palavra *calendarário* tem por origem o vocábulo *calendas*, nome sob o qual designavam os romanos o primeiro dia de cada mês e no qual o povo era convocado solenemente para oficialmente se lhe anunciar os *dias feriados, ferial*.

Como os gregos na sua cronologia nunca fizeram uso das *calendas*, costuma-se, em locução familiar, dizer quando indefinidamente se pretende adiar uma coisa: "farei isto para as *calendas gregas*.". Em direito canônico, as reuniões dos curas e clérigos sob a convocação do bispo, denominaram-se também *calendas*—dava-se ainda igual nome a certas associações que tiveram grande voga em França e na Alemanha durante o século IX, e cujos membros se reuniam no primeiro de cada mês para regularem os seus exercícios religiosos que deviam pertencer a cada um durante todo o mês.

Os *calendarários* variam segundo o fim a que se destinam e não passam de *listas* ou *relações* em que se registam todos os dias do ano; podendo ainda variar as divisões do ano e serem diversos os usos a que se aplicam os *calendarários*, estes variação de muitas maneiras.

O *calendarário* usual entre os povos cristãos chama-se *solar* quando se conta o ano de 365,25 dias (e um com 366 dias de 4 em 4 anos)-

Se, dando ao ano a mesma duração que lhe dá o *calendarário solar*, regularmos os meses pela duração das *lunações*, fazendo que eles principiêm e findem com uma *lunação* *sinódica*, o *calendarário* chama-se *luni-solar*.

Emprega a Igreja Católica este *calendarário* para determinar algumas das suas solenidades; é ainda usado pelos chineses, mongóis, índios e judeus e foi adoptado pelos gregos.

Para que se dê a coincidência quanto possível entre os meses civis e *lunações*, empregam-se as *lunações embolismaes* ou intercaladas.

O *calendarário luni-solar* é neste caso *solar* no todo e *lunar* nos pormenores.

Se o *calendarário* se baseia somente nas *lunações*, chama-se *lunar*. Nele os meses são regulados pela duração das *lunações*; são portanto desiguais na duração e começam sempre na lua-nova.

Neste *calendarário* o ano tem a duração média de  $354\frac{1}{3}$  aproximadamente. É usado pelos árabes.

Chama-se *calendarário perpétuo* e *universal* aquele que dá as precisas indicações para se fazer um especial para qualquer ano.

Os *calendarários*, quanto ao seu fim especial, costumam dividir-se em *civis*, *religiosos*, *comerciais*, *agricolas*, etc., trazendo as indicações especiais e convenientes às datas ou festas civis, às festividades religiosas, aos usos comerciais e agrícolas, etc.

Damos a seguir uma ideia

muito sumária dos diversos *calendarários*.

**Calendarário Egípcio:**—Neste *calendarário* considera-se sempre o ano de 365 dias exactos, despresando a fracção 1-4, e dividindo-o em 12 meses de 30 dias, e mais 5 dias suplementares a que chamaram *epagomenos*.

Os meses eram os seguintes:

- 1.º—Thot
- 2.º—Paophi
- 3.º—Athyr
- 4.º—Khoiac
- 5.º—Tybi
- 6.º—Mechir
- 7.º—Phamenot
- 8.º—Pharmuthi
- 9.º—Pakhon
- 10.º—Payni
- 11.º—Epiphi
- 12.º—Mesorí

Admitiram, para compensar o despresado da fracção, mais um dia *epagomeno* de 4 em 4 anos.

**Calendarário Judaico:**—Os judeus empregaram primeiramente o ano lunar de 354, dividido em 12 meses 6 cavos (ou de 29 dias) e 6 plenos (ou de 30 dias) alternadamente, dispostos do modo seguinte:

- 1.º—Nisan ou Abib
- 2.º—Iar ou Ziv
- 3.º—Siban
- 4.º—Thamus
- 5.º—Ab
- 6.º—Elul
- 7.º—Tischri ou Aitanhim
- 8.º—Marches chwan ou Bul
- 9.º—Kislaw

Continua na página seguinte

## BRANLY

Continuação da 2.<sup>a</sup> página

em Clichy. Como se dedicava cada vez mais aos trabalhos de física de que era um apaixonado, abandonava os clientes e desta forma a sua vida continuava a sofrer as agruras da sorte.

Não desanimava porém este homem que tinha uma vontade de ferro em vencer; e, assim, todos dias das 7 às 12 e das 14 às 19 procurava debruçado sobre aparelhos e sobre livros, desvendando os complexos problemas que surgiram no seu espírito.

Certo dia querendo descarregar uma garrafa de Leyde, descobriu, sem tal pensar o princípio da T. S. F. pois conseguiu captar a faísca num aparelho colocado na extremidade do laboratório à distância de 25 metros, sem auxílio de fios.

Levou os resultados das suas experiências à Academia onde foram justamente apreciados.

O sábio não teve nunca em vista senão o desenvolvimento da ciência. Este homem que teve sempre uma vida de labuta e de escassês, viveu sempre trabalhando. O seu nome já mais se apagará da história da França. Pertence ao número daqueles que a humanidade já mais esquece. Em 1903 a França premiou Branly concedendo-lhe o prémio Osiris de 100.000 francos e foi eleito sócio da Academia das Ciências.

Em 1911 o «Echo de Paris» conseguiu por subscrição 50.000 francos com que o sábio montou um laboratório condigno.

A princesa Polignac indo visitar este eminente homem

## Acerca de Calendários

Continuação da 6.<sup>a</sup> página10.<sup>o</sup>—*Tebeth*11.<sup>o</sup>—*Schebath* ou *Chebhat*12.<sup>o</sup>—*Adar*

No princípio os judeus fizeram que o seu ano começasse próximo do equinócio da primavera para comemorar a saída do Egipto, quando, conduzidos pelo seu legislador Moysés se libertaram do jugo dos egípcios, atravessando o Mar Vermelho, a pé enxuto.

Celebraram esta data com ofertas de espigas de trigo em 16 do 1.<sup>o</sup> mês ou *Abib*, e foi esta celebração que originou depois a correcção do seu ano, porque este retrogradava e não coincidia o seu começo com a maturação do trigo.

Para a correcção adotaram o ciclo de Meton, astrónomo de

de ciências e vendo a sua tão simpática modéstia concedeu-lhe uma pensão vitalícia.

Branly que tinha sempre presente as palavras do pai — «Trabalha meu filho» teve um dia esta frase que só por si o notabiliza: «Uma coisa me consola e orgulha: tenho trabalhado toda a minha vida».

\*

Habituem-nos — rapazes — a venerar homens como Branly que durante 80 anos trabalhou sem descansar conseguindo com o seu persistente trabalho desvendar os mistérios da ciência. E já que não temos a felicidade de possuir a sua inteligência saibamos ao menos imitá-lo no trabalho de que ele é um exemplo invulgar.

Torres Novas, 15 de Janeiro de 1948.

A. CALADO

Atenas, que foi o primeiro a estudar o *ciclo lunar* que é formado pelo período de 19 anos, período em que as fases da lua se efectuam na mesma data. A razão disto é a seguinte: 235 lunações perfazem-se em 6939,69 dias, e 19 anos tropicais somam 6939,60 dias; logo, em cada período de 19 anos as fases da lua reproduzir-se-ão nas mesmas datas. O ciclo lunar é igualmente chamado de *Meton*, *metónico* e ainda *ciclo de ouro*, porque os gregos resolveram que fosse escrita com letras de ouro no Templo de Minerva, a descoberta de Meton.

Para a aludida correcção os judeus dividiram o ciclo lunar de 235 lunações em 2 períodos: um de 12 anos com 12 meses cada, outro de 7 anos em 13 meses, cada.

A razão disto vem da seguinte relação:

$$(12 \times 12) + (7 \times 13) = 235.$$

Os anos de 12 mezes eram chamados *simples*, os de 13 *embolismicos*. Por convenção foram embolismicos os meses 3.<sup>o</sup>, 6.<sup>o</sup>, 8.<sup>o</sup>, 11.<sup>o</sup>, 14.<sup>o</sup>, 17.<sup>o</sup> e 19.<sup>o</sup>

Dos meses, uns tinham 29 dias outros 30. O dia começava às 6 horas da tarde, contavam as horas de 1 a 24; cada hora tinha 1080 *partes* e cada parte 76 *instantes*. A semana tinha como a nossa 7 dias, começando no sábado às 6 horas da tarde.

O ano judaico fez-se começar não no mês de *Nisan*, mas no 7.<sup>o</sup> *Tischri*, do modo seguinte:

1. <sup>o</sup> mês— <i>Tischri</i>	30 dias
2. <sup>o</sup> „ — <i>Marcheschwan</i>	30 dias ou 29 dias
3. <sup>o</sup> „ — <i>Kislaw</i>	30 dias ou 29 dias
4. <sup>o</sup> „ — <i>Tebeth</i>	29 dias
5. <sup>o</sup> „ — <i>Schebath</i>	30 „
6. <sup>o</sup> „ — <i>Adar</i>	29 „

Continua na 3.<sup>a</sup> página

## Beba Café na IMPÉRIO

— o melhor de todos —  
Bebidas quentes e frias  
de todas as qualidades

Empresa  
Industrial de  
Electricidade do  
Almonda, L.<sup>da</sup>

ILUMINAÇÃO E  
FORÇA MOTRIZ

TELEFONE 2119

TORRES NOVAS

## Pastelaria Império

O melhor  
fabrico do  
DISTRITO

## Basílio S. Cardante

Agente da COMPANHIA DE  
SEGUROS «A PORTUGAL» e  
da ARCO PORTUGUESA (tin-  
tas) acaba de receber peças e to-  
dos os acessórios para automó-  
veis: baterias, buzinas marca  
DELCO, carburadores, antenas  
para telefonias, projectores, etc.  
Formação e carga de baterias.

Torres Novas

Grande baixa de preços

## ÓCULOS



COM RECEITA MEDICA  
aviam-se na Drogaria ÉLITE

Concertos

TELEFONE 2003

# MOVEIS

ALBERTO MARQUEIS

— Fabricante de mobilias em série —

Telefone 2124

Torres Novas

## Pensão Torrejana

de **António Augusto Simões**

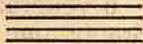
Proprietário da Pensão Continental — Figueira da Foz

Óptimas instalações  
Bons quartos  
Esmerado serviço  
de mesa



**SERVEM-SE**  
Lanches  
Banquetes  
etc.

TELEFONES — Torres Novas, 71 — F. da Foz, 200

Grande   
 Oportunidade

O agente, desta vila, dos  
pneus marca **Good-year**, acaba  
de receber da mesma fábrica o  
novo produto — **Solas Neolite** —  
que substitue com grande ven-  
tagem, tanto no seu preço co-  
mo qualidade, solas e tacões de  
couro.

Dirija-se a

**Basílio S. Cardante**

 Torres Novas 

**MACHADOS  
& LOPES, L.<sup>DA</sup>**

— Torres Novas —

lembra a sua casa de venda de

Mercearias — Vinhos do Porto  
— Espumantes — Aguas do  
Cruzeiro — Papelarias  
— aos preços dos mercado —